

BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ETNOGRAFIA E SOCIOLOGIA DO AMAZONAS

Vol. 1

NUNES PEREIRA

BAHIRA
E
SUAS **E**XPERIÊNCIAS

(ETNOLOGIA AMAZÔNICA)

2.^a Edição

1944

Divulgação — D.E.I.P.

MANAUS — AMAZONAS

**BIBLIOTECA
DO
INSTITUTO DE
ETNOGRAFIA E
SOCIOLOGIA DO
A M A Z Ô N A S**

VOLUME PUBLICADO :

Nunes Pereira: "*Bahira
e suas experiências*"
(*etnologia amazônica*)

VOLUMES PROGRAMADOS:

Pe. Antônio Giaccone:
"*Etnografia e Folclore
dos Índios do Uaupés*"

André de Araújo:
"*Aspectos sociais da
habitação na Ama-
zônia*"

Geraldo Pinheiro: "*Koch
Gruenberg na Amazo-
nia*"

Mário Ypiranga Monteiro:
"*Toponímia Tupi no
Amazonas*"

Moacyr Paixão e Silva:
"*Pastorinhas e outras
festas de Natal*"

Diversos: "*Bumbá Rica
Prenda*"

Otaviano Melo: "*Nheen-
gatú Umbuéçaraïma*"
(*O Nheengatú Sem
Mestre*)

Ermano Stradelli: "*Voca-
bulário Nheengatú-
Italiano; Italiano-
Nheengatú.*"

Manoel B. Lira: "*O valor
nutritivo de certos
alimentos indígenas*"

Miranda Leão: "*Ajurica-
ba*"

Samuel Benchimol: "*Imi-
gração Nordestina
no Amazonas*"

Moacyr G. Rosas: "*As
amazonas à luz da
História*"

BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ETNOGRAFIA E SOCIOLOGIA
DO AMAZONAS

VOL. I

NUNES PEREIRA

BAHIRA
e
SUAS EXPERIÊNCIAS

(ETNOLOGIA AMAZÔNICA)

1944

A ALVARO MAIA,

COM A RECORDAÇÃO DA NOSSA ATORMENTADA
MOCIDADE, ENTRE AS FIGURAS FRATERNAS DE

ANTONIO ANTONELLI DE CASTRO BEZERRA
DEMOSTHENES DE CARVALHO
COSME FERREIRA
ANTONIO BARBOSA
WALDEMAR DE CARVALHO
E AFONSO CUNHA,

ESTA HOMENAGEM DE

NUNES PEREIRA

A SOUZA LOBO,

Meu Amigo,

Desbravador de Três Casas, do
Lago do Antonio, do Livramento,
do Bamburral e do Uruápiára,
no Rio Madeira, Amazonas.

TRABALHOS DO AUTOR

Publicados :

Os Mura e o uso do Paricá e da Coca, 1934.

Panorama da Alimentação Indígena, 1936.

Ensaio de Etnologia Amazônica. Sobre uma peça etnográfica dos Maué, 1940.

Bahira e suas experiências, 1940.

Ensaio de Etnologia Amazônica. Sobre uma peça etnográfica dos Maué, 1942.

Um Naturalista Brasileiro na Amazônia, 1942.

A serem publicados :

Bahira e suas experiências, (edição popular)

História Antiga dos Maué.

Os Parintintin.

Os Mura.

Ensaio de Sexologia Indígena.

A Casa das Minas.

Negros Escravos na Amazônia.

Mitos, Lendas e Superstições Vegetais da Amazônia.

José Verissimo — Naturalista.

Gonçalves Dias — Naturalista.

História do Guaraná.

Paixão, Morte e Glória do Índio.

DESENHOS
DE

MORBACH

BAHIRA

E

SUAS EXPERIÊNCIAS

(ETNOLOGIA AMAZÔNICA)

A tribu de Índios, vulgarmente conhecida por "Parintintin", no Rio Madeira, em sua própria língua se denomina KAWAHIB ou KAWAHIWA quando este nome ainda é seguido por um sufixo, uma posposição ou um adjetivo. Não tem este nome a significação de "Homens da Mata", como Martius explica (C. M. II. 5), mas é composto de KAB, KAWA = vespa ahib (= a?) e designa uma pequena qualidade de vespas sociais, de cor avermelhada e muito irritáveis que também entre os moradores do Baixo Amazonas é conhecida por "cauahib".

"Parintintin" são esses índios chamados pelos seus inimigos, os Mundurukú. Pe. Hugo Mense escreve: Paredindin (Comunicação Particular). G. Tocantins: Pirinrinrin (G. T. 96). Desconheço a significação desta palavra, e a explicação dada por Martius (C. M. I. 707): pore tendis = raptos de criança na língua geral (?), não me parece admissível.

G. Tocantins cita na mesma página também os Paren-an-an, e parin-a é o nome da cabeça do inimigo, cortada como troféu, em Mundurukú (a = cabeça). Em língua Maué todos os índios hostis são denominados Paritin.

Entre os seus vizinhos, os Mura, Mura — Piraha, Torá e Matanawi do Madeira dizia-se também Yawareté-Tapiiya, isto é Índios Onças.

Curt Nimuendajú — Os Índios Parintintin do Rio Madeira.

DESTACAMOS de nossa obra, ora em preparo, acêrca dos Kawahiwa-Parintintin, as “experiências” de BAHIRA, tradições e outras histórias.

Nessa obra tais “experiências”, tradições e histórias são particularmente comentadas, no intuito de salientar-se a contribuição do índio ao conhecimento de certos fenômenos biológicos, religiosos, econômicos, sociais e humanos do mundo amazônico.

Mas, com o trabalho hoje dado à estampa, visamos, sòmente, chamar a atenção dos intelectuais e dos artistas brasileiros para uma fonte possível de inspiração e de criação de novos aspectos da Literatura e da Arte.

Não cremos que o “motivo” Negro já tenha sido esgotado; entretanto, estamos certos de que o “motivo” índio permanece absolutamente inédito,

sem o sentido, sem a evidência que é mistér lhe sejam assegurados num plano diverso do que, literariamente e cientificamente, tentaram assegurar-lhe os chamados indianistas de ontem...

Somos, como se vê, por um movimento de inteligência e de sensibilidade — contrário a um movimento de ciência e de sensacionalismo, apenas — em louvor da cultura espiritual do índio e, consequentemente, em favor da nossa própria cultura.

Aliás o ritmo de igual movimento deveria ter empolgado Mário de Andrade quando publicou a História de um Herói sem nenhum Caráter, que é MACUNAÍMA; é singular, porém, que êsse escritor, de expressão tão vigorosa, tão brasileira, tão moderna, — quer no conto, quer no romance, quer no ensaio, quer na crítica e quer na poesia — não conseguisse atrair para êsse movimento a simpatia e a colaboração dos seus contemporâneos.

Diante dêsse fato, contudo, alenta-nos a certeza de que, mais tempo, menos tempo, tal movimento se imporá vitoriosamente, porque, nós o acreditamos, as florestas se nutrem com a água e a luz do céu, mas também, com os despojos do tronco, da ramaria, das flôres e dos frutos das velhas árvores que adormecem sôbre a terra.

Só dêsse modo elas conseguiram perpetuar na magestade de novos troncos, no esplendor de novas ramarias, como no colorido de novas flôres e no sabor de novos frutos, a miraculosa unidade do passado e do futuro de tôdas as florestas.

Dai a presente contribuição.

REVELAÇÃO

"... Esta nação conhece que há Deus e dão-lhe o nome de Baíry, eles tem desejos de andar vestidos..."

Memória da nova navegação do Rio Arinos até a Vila de Santarém, Estado do Grão Pará. — MS oferecido pelo sócio, o Exmo. Snr. Brigadeiro J. J. Machado de Oliveira. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio. XIX. Página 102.

ANÔNIMO.

FIXANDO-NOS nos domínios de Souza Lobo, entre TRÊS CASAS e o BAMBURRAL, em fins de 1937 e princípios de 1938, encontramos na mitologia Kawahiwa-Parintintin um deus criador e civilizador — BAHIRA —, tal como encontraram entre outras tribus do Brasil MUNHAN, NHANDEJARA, JURUPARY e MACUNAÍMA, — aquele entre os Tupinambá, êste entre os Apapocuva-guaraní, o penúltimo entre os UAPÉ e o último entre os AREKUNA e os TAULIPANG.

Servindo-se do terror cósmico e do terror divino, da ação física e da ação sôbre-natural, para os beneficiar e os castigar como bem o entendessem, possivelmente, êsses deuses exerciam sôbre a indiada um domínio mais amplo. BAHIRA, entretanto, os superava pela posse de uma estranha fôrça: — o humor. BAHIRA humaniza-se até essa atitude psicológica, inquietante mas fascinadora, de um deus que sabe rir e sabe sorrir...

Os outros deuses da mitologia tupí-guaraní agem sôbre a indiada, como os de Atenas e os de Roma, de cabeleira assanhada, olhos desorbitados e algumas flechas nas mãos brutais. BAHIRA, ao invêz, ludibrí-a... e ri à custa da vítima. E, mesmo quando castiga o Filho Preguiçoso, êsse deus criador e civilizador utiliza uma série de surpresas, de logros, de farças.

X Somente?

Ele é implacável, sem duvida, com os falsos pagés e os falsos heróis; vence-os, contudo, por uma aplicação discreta do ridículo ou por um requinte original de perversidade.

Revendo a mitologia indígena que, lamentavelmente, Hartt não teve tempo de organizar numa obra monumental, surpreendeu-nos não encontrarmos BAHIRA na fabulação de certos mitos, lendas, histórias e tradições. Nenhuma notícia há dele na imensa bibliografia que consultamos, à parte a referência do Anônimo que o chamava BAIRY.

Nada se sabe das suas relações com outras tribus do Brasil. Sua ação, entretanto, é notável, pela originalidade e, algumas vezes, pela coincidência com a de outros deuses, pagés e heróis, o que nos leva a pensar nas "idéias elementares" da teoria de Bastian.

BAHIRA, por exemplo, conquista o Fogo para os Kawahiwa-Parintintin; ensina-lhes, também, numa das suas "experiências", a pesca com o ahangáb dêste ou daquele peixe, que, é sabido, tôdas as tribus típicas — descritas por Gabriel Soares e Jean de Lery, ou estudadas, posteriormente, por indianólogos modernos — utilisavam largamente.

Foi desejando saber de KUAHAN si a gente Kawahiwa-Parintintin só temia Tupã e mais nenhum outro deus, que tivemos a revelação de BAHIRA nesta simples frase: — Emêi (antigamente) Kawahiwa tinha Tupã e BAHIRA... depois veio JESUS CRISTO.

— Mas quem era BAHIRA?

Então KUAHAN nos contou algumas "experiências" de BAHIRA, a quem se referia sempre com entusiasmo, tomado de estranha verbosidade, saboreando-lhe, por assim dizer, os lances de astúcia, e aplaudindo-lhe as proêsas, nessa atitude de leitor de aventuras inverosímeis que o principal personagem empolgou inteiramente.

A “experiência”, denominada em Kawahiwa-Parintintin onimbó-é, corresponde, em geral, a um ato que se leva a efeito, quasi com displicência, dando-se, porém, a entender a outrem que já se lhe conhece os resultados. Inspira-a um cerebro sereno, mas executa-a um espírito astuto, buliçoso e bem humorado.

Nessa “experiência” há sempre um elemento psicológico admirável — a lição a ser aproveitada pela tribu, na vida material, na vida espiritual e na vida moral. Nessa “experiência”, também, o próprio BAHIRA busca lições e favores em seu proveito, dos seus parentes, dos seus amigos, do seu povo, enfim.

Com tal significação, é singular, vimos encontrar “experiência” no linguajar de uma bôa partê da caboclada da Amazônia.

BAHIRA era para o seu povo um grande Pagé, já se vê. E as suas “experiências” tinham as virtudes misteriosas, as fôrças incontrariáveis da ação de um deus verdadeiramente criador e civilizador. Isso não acontece, de certo, com um simples “experiente”, que fecha corpos, defuma-os, invulnerabiliza-os contra pussangas e mocós, manobrando com caruanas e bichos do fundo, mas não tendo o poder específico de um verdadeiro Pagé.

É assim que, toda vez que alguém o quer imitar, a vitória está do lado dele e o ridículo humilha o outro.

Como contribuição a trabalhos futuros de identificação dêsse personagem, digno de figurar num ciclo — herói e divindade ameríndia, que é, das mais interessantes — editamos agora algumas da suas “experiências”.

As demais histórias são, evidentemente, da paisagem física e da sociedade humana, ou do mundo sub-lunar, que esse herói habitou.

Tanto essas “experiências” de BAHIRA como outras histórias que recolhemos entre os Parintintin, nos foram contadas durante os nossos dias de TRÊS CASAS, LIVRAMENTO e BAMBURRAL, pelo imaginativo KUAHAN, pelo taciturno INAMBÚ-TÊ e pelo risonho velho IGUÁ.

Outros narradores, também, foram ouvidos, mas queremos referir-nos, aqui, somente aos três principais.

Ingênuos e simples, como o taulipang que narrou a Koch Gruenberg as proezas de MACUNAÍMA, entre eles, havia diferenças bem marcadas.

KUAHAN, jovem e inteligente, expressando-se regularmente em português, expunha as atitudes de BAHIRA e episódios da ação de outros personagens com desembaraço e clareza. E, vez por outra, comentava essas atitudes e êsses episódios, explicando o sentido de certos símbolos e de certos costumes Kawahiwa-Parintintin, fixando mais fundamentalmente na minha atenção os traços precisos desta imagem ou as sombras evanescentes daquela outra.

E, ao calor de sua admiração pelo Herói, as suas narrativas dir-se-iam vividas por ele próprio ou traíam irreprimível anseio de vivê-las.

Sua mocidade encontrava, talvez, naquele tipo de herói, um modelo ideal de romanesco dinamismo, de objetiva inteligência, de evidente força criadora, de fraqueza aparente e de requintada perversidade...

Antes de traduzir-nos o que narrava primeiro em língua Kawahiwa-Parintintin — recorrendo às vezes aos companheiros que, em roda de nós, fumavam silenciosamente, ou se embalavam incessantemente nas redes de algodão crú — KUAHAN retificava com eles uma ou outra minúcia e substituiu determinadas expressões para melhor se fazer compreender.

Já INAMBÚ-TÊ, com menor prática da língua portuguesa e de índole taciturna, narrava com dificuldade, sem calor e sem colorido; nós lhe sentíamos, porém, um conhecimento mais seguro das aventuras de BAHIRA e dos demais personagens que se movem na ambiência de outras aventuras aqui divulgadas.

Havia mais simplicidade na sua maneira de narrar e mais respeito á verdade, que era, ao mesmo tempo, tradição.

INAMBÚ-TÊ parecia-nos um narrador sem imaginação, ao contrário de KUAHAN de quem não raro desconfiávamos de colaborar na movimentada existência de BAHIRA.

Jovem ainda, em KUAHAN se revelava certa tendência para deformar imagens materiais e subjetivas, como naquelas crianças que Ernest Dupré estudou. É que assim o compreendia a sua mocidade.

Homem feito, de aparência doentia, INAMBÚ-TÊ admirava, sem dúvida, o Herói, mas não lhe enriquecia a figura com côres e linhas mais vivas e mais impressionantes, talvez porque não se sentisse com fôrça de imitá-lo.

Quanto ao risonho velho IGUÁ, êsse era bem o tipo representativo do narrador imemorial de aventuras de deuses que se fizeram homens e de homens que se fizeram deuses...

Alto e rijo, no bronze do seu corpo de índio sexagenário, o sorridente IGUÁ, denunciava o guerreiro, o devorador de distâncias, o pescador e caçador ardilosos, o dansarino-acrobata, o dominador de todos os feitiços das cunhãs e de tôdas as forças da Natureza. Os conservadores da tradição oral da tribo, antes da Pacificação, que ainda hoje tanto pranteia meu amigo CURT NIMUENDAJÚ, em épocas remotíssimas, deveriam ter os talentos do risonho velho IGUÁ, não só na evocação dos fatos míticos e aventuras humanas,

no respeito à cenografia amazônica e ao movimento e personalidade das figuras, na propriedade da expressão verbal, como — o que é mais admirável, — na interpretação dos papéis que BAHIRA desempenhara, num palco ora mirífico, ora real.

Ele se nos revelou um ator primitivo, de extraordinário gênio, familiar a um teatro cuja ribalta fosse uma clareira daquela selva, entre o Tapajós, o Madeira e o Machado, na treva e no rumorejo das noites de inverno, na translucidez e no calor das soalheiras, no descampado e no abandono das praias ao luar.

Não lhe ouvimos narrar muitas histórias, nem dele recolhemos tradução às mais pitorescas, movimentadas, coloridíssimas façanhas de BAHIRA. A história intitulada “Os VELHOS” foi das raras que nos contou. E a que se intitula “HISTÓRIA DA VELHA QUE APANHAVA CASTANHAS”, foi outra.

Enquanto KUAHAN e INAMBÚ-TÊ nos narravam as “experiências” desse Herói, o risonho velho IGUÁ emudeceu de emoção e de curiosidade a todos que lá estavam. É que, em dado momento, pondo-se no meio da cena, passara a representar o que INAMBÚ-TÊ acabara de narrar, como um ator afeito aos mais difíceis e aos mais empolgantes papéis. Assim, ora ele foi o URUBÚ-DONO do FOGO, erguendo-se acima do solo em vôo de rapineiro assanhado, ora ele foi o CURURÚ-CONDUTOR DO FOGO, fugindo, de rastro, aos pulos rápidos e elásticos.

A precisão da sua mímica e da sua voz, imitando homens e bichos do seu meio, a mobilidade da sua máscara onde duas pupilas faiscavam de estranha alegria, onde uma boca enérgica se mantinha sempre risonha, davam a toda pessoa de IGUÁ a compleição física e a fisionomia espiritual, a beleza selvagem e a força cósmica, as virtudes humanas e

os vícios divinos de um BAHIRA que necessariamente existiu.

Observando-lhe essa mímica, de estranha eloquência, de assombrosa fecundidade, de alucinadora harmonia, de prodigiosa força, com todos os ritmos e tôdas as côres de sua primitividade, reafirmamos a nós mesmos que é ao índio e não ao Negro, na formação da nossa psicologia, que devemos, em grande parte, o espetacular e o patético da gesticulação dos nossos oradores e do homem brasileiro, geralmente, nesta ou naquela província etnográfica do País.

E isso, a despeito da opinião de Arthur Ramos, tem as suas causas na eloquência, na fecundidade, na harmonia, na força da língua tupí, tão sàbiamente comparada à grega por gramáticos e dicionaristas dos primeiros dias da colonização da nossa terra.

Mimando fatos e figuras da mitologia Kawahiwa-Parintintin o risonho velho IGUÁ estava evidenciando essa verdade.

E não vemos porque repeli-la.

Tal qual entre outros povos primitivos da Ásia, da Oceania, das Américas, os Kawahiwa-Parintintin deveriam ter tido, quando não o seu teatro, algo ao menos como as formas originárias que o caracterizam através da evolução cultural do homem.

Estranhamente tatuados a ocre, a pó de carvão, a tabatinga, a urucú e a genipapo, os acrobatas do OBIRA-OBIRA, os dansarinos da VITÓRIA, ou da evocação guêrreira do MAGUARÍ, os dialogadores do OPORONGUÊTA, brandindo arcos e arremessando flechas, saltando nágua revôlta ou nos embates guerreiros, volvendo e revolvendo os sentidos em festa nos passos das dansas, gritando e cantando ao som lúgubre

do irerúpokú, falando incansavelmente nas visitas a amigos e nos entendimentos com estranhos, deveriam possuir, no mais íntimo da sua psiqué, a vocação das grandes e complexas interpretações dessa Arte que, mesmo na sua primitividade, tem o seu mistério e a sua significação social e religiosa, mas só um personagem integralmente humano nos revela e impõe.

E essa revelação e essa imposição nos vieram da alma ingênua e simples do risonho velho IGUÁ. E pensamos diante dele, como diante de um ator dos mistérios tibetanos, revelados por Bacot, que, KUAHAN e INAMBÚ-TÊ, no cenário da selva amazônica, livres como outrora, seriam, de certo, os herdeiros do seu gênio, os continuadores da sua Arte; desgraçadamente, porém, a civilização não o quiz.



B A H I R A
UM DEUS QUE SABE RIR E SABE SORRIR...

O I T O

"EXPERIÊNCIAS"
DE
BAHIRA

1.^a EXPERIÊNCIA

A CONQUISTA DA MULHER

(Contada por Kuahan)

BAHIRA não tinha mulher. Vivia só. Um dia foi pescar, levando arco, flechas e o ahangáb do jandiá. Um jandiá veio espiar o ahangáb. BAHIRA o flechou, tirou a flecha e o pôs de lado.

Já ia flechar outro peixe quando ouviu uma voz que o chamava. Voltou-se: era uma Cunhã bonita, de cabelos claros compridos. BAHIRA lhe disse:

— Eré-dió! (Vem comigo).

A Cunhã foi com êle.

Em casa BAHIRA lhe disse que estava com sede. A Cunhã foi buscar água e deu a BAHIRA. BAHIRA disse que não gostava d'água, que lhe arranjasse outra bebida.

A Cunhã, então, lhe pediu milho e mel. BAHIRA lhe deu milho e mel. A Cunhã torrou o milho e o mastigou. Deitou-o, depois, numa cabaça com água e mel, e deixou que a bebida fermentasse muitos dias num canto.

BAHIRA não podia mais suportar a sede. E disse á Cunhã que queria provar a bebida que ela fizera. A Cunhã lhe deu um pouco, numa cuia. BAHIRA bebeu, pediu mais á mulher e disse:

— Desta bebida eu gosto.

E pediu-lhe que enchesse a cuia de novo. A bebida era cauim. Cauim é bebida Kawahiwa. Quem a inventou foi a mulher de BAHIRA.

2.^a EXPERIÊNCIA

A PRIMEIRA FILHA

(Contada por Kuahan)

BAHIRA tinha mulher mas não tinha filhos. Um dia, depois de tirar um pedaço de casca de pau e talhar nele o ahangáb da jatuarana, do tucunaré e do jaraquí, disse à mulher que ia pescar. E foi.

Chegando à beira do rio cortou uma vara, espetou-a no ahangáb do tucunaré: o tucunaré não veio. Espetou-a no ahangáb do jaraquí: o jaraquí não veio. BAHIRA, então, fez barulho nágua com a ganonga. O aracú veio. BAHIRA o flechou, jogando-o para trás, por cima dos ombros.

Nisso ouviu uma voz que o chamava.

— Edirobá-apê! (Volte-se!)

BAHIRA voltou-se e viu o aracú morto.

Continuou a gapongar. Veiu o acará-assú. BAHIRA o flechou jogando-o para trás, por cima dos ombros.

Nisso ouviu uma voz que o chamava:

— Edirobá-apê!

BAHIRA voltou-se e viu o aracú morto.

Dizendo a si mesmo “Agora podem chamar que eu não olho mais”, BAHIRA continuou a gapongar.

Veiu o jandiá. BAHIRA o flechou e jogou para trás, por cima dos ombros.

O jandiá chamou BAHIRA:

— Edirobá-apê!

BAHIRA não quiz olhar. A voz o chamou de novo:

— Edirobá-apê!

BAHIRA não olhou. Então duas mãos lhe seguraram a cabeça e forçaram a voltá-la para trás. BAHIRA, assim, teve

de voltar a cabeça. E viu uma Cunhã-tain bonita, muito risonha, de cabelos claros e compridos, como os da sua mulher, que dizia:

— Edirobá-apê!

BAHIRA apanhou do chão os peixes mortos, enfiou todos êles numa envira e disse á menina:

— Vamos, minha filha...

BAHIRA tinha mulher, mas não tinha filhos. Desde aquelle dia a Cunhã-tain ficou sendo filha deles.



PESCA COM PIRÁ-AHANGAB

3.^a EXPERIÊNCIA

COMO OBTINHA FLECHAS

(Contada por Kuahan)

Um dia BAHIRA teceu quatro esteiras e dessas esteiras fez a pele do peixe-cachorro, ajuntando-lhe, depois, a cabeça, as nadadeiras do lombo, do peito e da cauda. E meteu-se dentro dessa pele.

Em seguida, saltando nágua, foi até ao porto de uma outra maloca de Kawahiwa. Quando alí chegou já ia amanhecendo.

Então, as mulheres, que tinham vindo lavar a boca e carregar água, viram o peixe-cachorro, e, aos gritos, chamaram pelos homens. Os homens vieram correndo, com os seus arcos e suas flechas. E todos procuraram matar o peixe-cachorro, que era BAHIRA, mas nem o feriram.

Assim que eles não tinham mais flechas e não sabiam onde ir buscar outras, BAHIRA mergulhou e voltou para o porto de sua maloca. Em terra, saindo da pele do peixe, BAHIRA tirou as flechas e as pôs ao sol para secar.

VARIANTE DA 3.^a EXPERIÊNCIA

(Contada por Inambú-Tê)

BAHIRA não tinha flechas. Arranjou, por isso, casca de pau, teceu esteiras e preparou um ahangáb de cobra-grande. Meteu-se nessa pele e foi por dentro d'água até o porto da maloca da outra tribu. As mulheres, que estavam no porto, viram a cobra-grande e gritaram pelos homens. Êstes vieram. Trouxeram muitas flechas. E flecharam a cobra-grande. Quando aquela pele estava tôda coberta de flechas e os homens não tinham senão arcos, BAHIRA mergulhou de novo e voltou para casa. Saiu de dentro da pele da cobra-grande e tirou tôdas as flechas, pondo-as a secar, ao sol. Um companheiro dele viu as flechas secando e perguntou onde as havia encontrado.

BAHIRA não lhe quis dizer como as conseguira. O companheiro insistiu. BAHIRA disse-lhe que era perigoso. O companheiro prometeu que não diria nada a ninguém.

BAHIRA disse-lhe que fizesse uma pele de cobra-grande com casca de páu e esteiras e fosse até ao porto da outra tribu. O companheiro fez. Meteu-se naquela pele e foi. As mulheres, vendo aquela cobra, gritaram pelos homens. Estes correram trazendo arcos e flechas. Eram muitos. Flecharam a cobra dizendo: "Aquela escapou, mas esta não". Uma flecha acertou na cabeça do companheiro de BAHIRA, matando-o. Então os flechadores puxaram a cobra, abriram-lhe o bucho e acharam nele o companheiro de BAHIRA. Cortaram-lhe todo o corpo em pedaços e arranjam o fogo no moquéim para os assar.

BAHIRA, vendo que o companheiro não voltava, foi, por terra, até a maloca da outra tribu. Pediu que o deixassem aproximar-se. Deixaram. BAHIRA perguntou-lhes: Que é que vocês estão moqueando? Responderam: Cobra-grande. Outro dia veio o peixe cachorro. Flechamos, flechamos, porém êle fugiu. Agora vamos moquear a carne dela. BAHIRÁ pediu-lhes os miolos, o figado, o coração e uns pedacinhos dos ossos da cabeça. Êles lhe deram o que pedira. BAHIRA fez um urú-i, pôs tudo nele e voltou para casa. Alí soprou sôbre o coração, os miolos, o figado e os ossinhos da cabeça do companheiro. Aqueles pedaços de carne e ossinhos começaram a gemer ui! ui! ui!. E, em seguida, da cintura para cima, começou a aparacer o companheiro de BAHIRA. Mas, nem queria andar, nem falar. BAHIRA aborreceu-se e jogou fora os pedaços de carne e os ossinhos do companheiro, que se transformaram em pássaros, mutuns, jacamins, cotias e veados.

4.^a EXPERIÊNCIA

A CAÇA COM VISGO

(Contada por Kuahan)

BAHIRA, querendo pegar todos os pássaros e aves, disse á mulher que ia fazer uma experiência. O leite da árvore ananí deveria ser bom para visgo. BAHIRA foi procurar essa árvore no mato. Achou a que queria.

Golpeou-lhe os galhos. O leite da ananí era visgo bom.

Todos os galhos ficaram cheios dele. No outro dia BAHIRA foi ver a árvore ananí. Estava coberta de aves e pássaros. BAHIRA tirou-lhes as penas para fazer gomo de flecha, akanitad e outros enfeites que Kawahiwa usa nas festas e nas guerras.

E' assim que Kawahiwa arranja penas. BAHIRA foi quem primeiro fez essa "experiência".

5.^a EXPERIÊNCIA

O CAÇADOR DE ONÇAS

(Contada por Kuahan)

BAHIRA disse á mulher: vou fazer outra experiência. Preparou uma escada de muitos degráus para tirar tucuman-ohu e amarrou na ponta de uma vara um cambito. Pronta a escada BAHIRA ficou no primeiro degráu. Com o cambito começou a tirar tucuman. Quando a fruta caíu no chão virou onça. BAHIRA flechou a onça e passou para o segundo degráu. Tirou novo tucuman. E êste, como o primeiro, ao bater no chão, virou onça. BAHIRA flechou a bicha. E passou para o terceiro degráu. Dalí tirou novo tucuman. Aconteceu a mesma coisa. A cada onça morta BAHIRA passava para outro degráu.

E os degráus eram muitos. E fôram muitas as onças que BAHIRA matou.

Quando acabou de matar tôdas as onças, tirou-lhes os dentes e os levou para casa, fazendo com êles colares e brinquedos de criança. A proeza foi conhecida por tôda a tribu.

VARIANTE DA 5.^a EXPERIÊNCIA

(Contada por Kuahan)

Então, um outro pagé, pretendendo fazer a mesma coisa, armou uma escada só com três degraus. E, subindo ao primeiro, tratou de tirar tucumans.

Caiu um tucuman no chão e virou onça. O pagé matou-a. E logo passou para o segundo degráu. Tirou outro tucuman. Caindo ao chão, êsse, também, virou onça. O pagé matou-a. Mas, ao passar para o terceiro degráu, tentando tirar outro tucuman, caiu da escada, justamente quando nova fruta, ali no chão, virava onça. A onça o comeu.

Três dias BAHIRA esperou a volta do pagé, e, como êste não aparecesse, foi procurá-lo no mato. Achou o arco e as flechas no chão, ao pé da escada de três degraus.

E, junto aos instrumentos de caça, do pagé também os ossos do mesmo.

BAHIRA pegou tudo aquilo, soprou, em cima dos ossos para fazer voltar à vida o pagé. Os ossos gemiam mas não se reuniram para formar o esqueleto, nem a pele e a carne os cobriam.

BAHIRA, então, zangando-se, jogou os ossos para os lados. E êles transformaram-se em bichos: — veados, quatipurús, queixadas, porco-espinhos, macacos, lagartos e inhambús.



CAIU UM TUCUMAN NO CHÃO E VIROU ONÇA

6.º EXPERIÊNCIA

O PESCADOR DE POÇO

(Contada por Kuahan)

UM ÍNDIO estava pégando peixe num poço. E BAHIRA, que passava por ali, vendo-o, ocultou-se no ôco de um pau para caçoar dele e dizer-lhe rindo:

— Decuá pokú! Decuá pokú! Tua bunda é grande! Tua bunda é grande!

O pescador, pensando que era uma cotia que estava caçoando dele, correu atrás e matou-a. Continuou depois, a pescar. BAHIRA caçoou de novo:

— Decuá pokú! Decuá pokú! Tua bunda é grande! Tua bunda é grande!

O pescador, pensando que era o porquinho, saiu a perseguí-lo, matando-o.

Voltou em seguida a pescar.

BAHIRA continuou a caçar dele: Decuá pokú! Decuá pokú! Tua bunda é grande! Tua bunda é grande!

O pescador, não o vendo no ôco do pau, pensou que era a anta, e matou-a também. Já voltava para o poço quando BAHIRA, mais uma vez, caçou dele: — Decuá pokú! Decuá pokú! Tua bunda é grande! Tua bunda é grande!

O pescador, desesperado, começou a chorar. BAHIRA saíu do ôco do pau e foi-se embora, para casa, onde ficou a imaginar como poderia enganar o pescador novamente.

Dias depois apareceu o pescador. BAHIRA perguntou-lhe o que queria. O pescador disse que vinha cortar o cabelo. BAHIRA disse que antigamente era outra a moda de cortar o cabelo. E explicou: cortava-se o couro da cabeça e, em seguida, puxava-se o cabelo e o couro, até descobrir a caveira. O pescador não quis acreditar. BAHIRA perguntou, então, à mulher: “Não era assim?” A mulher confirmou. O pescador disse: “Tú estás me enganando”. “Não, é verdade”... respondeu BAHIRA. “Foi assim que fizeram comigo e o meu cabelo nunca mais cresceu”. Então o pescador deixou que o outro lhe cortasse o cabelo.

BAHIRA partiu-lhe o couro da cabeça e o arregaçou, puxando-o, com todo o cabelo, por cima dos ombros. Depois, para sarar mais depressa, disse-lhe: “Vou pôr um pouco de cinza salgada na ferida. É muito bom”. Fez. O outro pôs-se a gritar e a dizer para BAHIRA: “Tú me enganaste! Tú me enganaste!” “Não! dizia BAHIRA. Foi assim que fizeram comigo uma vez”. O pescador foi-se embora. BAHIRA ficou rindo...

Como o pescador, dias depois, visse que a ferida não sarava, disse: Eu vou matar quem me cortou o cabelo desta maneira. Saíu e foi à casa de BAHIRA.

Lá perguntou à mãe de BAHIRA: Onde está teu filho?

— Não está; foi apanhar inajá, respondeu-lhe a velha.

— Como é o nome dele?

A velha mentiu:

— TANDAVA-OHU

O pescador disse:

— Vou matar teu filho e depois voltarei para te matar.

BAHIRA tinha levado a mulher. Deixou-a sentada perto das raízes da palmeira inajá e foi pôr, primeiro, no caminho, a formiga taóca, depois a tocandira, e, finalmente, a caba, bem perto da mulher. Depois subiu na palmeira inajá e escondeu-se entre as suas palmas. Veio o pescador. Viu a mulher de BAHIRA. Ia perguntar por êle, mas, nessa ocasião, a formiga taóca o mordeu.

Esqueceu-se, então do nome que a velha lhe ensinara.

— Ora, esqueci o nome dele! Vou saber com a velha!

Foi. Perguntou à velha mãe de BAHIRA:

— Como é o nome do teu filho?

A velha disse que era TANDAVA-OHU.

O pescador saíu, dizendo-lhe:

— Vou matar o teu filho e volto para te matar.

Foi. Chegou à metade do caminho, que levava até à palmeira inajá, mas a tocandira o mordeu. Havendo esquecido o nome, com a dôr que sentiu, voltou à casa da velha:

— Esqueci o nome do teu filho. Como é mesmo?

— TANDAVA-OHU, disse a velha.

— Bem, disse o flechador de peixe de poço: “Vou matar o teu filho e volto para te matar”. Foi. E, ao chegar perto da mulher de BAHIRA, encontrou as cabas. Estas o ferraram.

A dôr, de novo, o fez esquecer o nome de quem procurava. Voltou a perguntar à velha:

— Como é o nome do teu filho?

— O nome do meu filho é TANDAVA-OHU.

— Bem, disse o pescador. Vou matá-lo depois volto para te matar.

Foi. Encontrou a mulher de BAHIRA e esta lhe disse que o marido estava lá em cima, trepado entre as palmas do pé de inajá. O pescador gritou:

— Êh! TANDAVA-OHU! Eu vim te matar e depois vou matar a tua mulher.

BAHIRA disse que não fizesse isso, que êle estava comendo inajá, que inajá era uma fruta gostosa.

O pescador respondeu:

— Não! Eu quero te matar!

Então BAHIRA disse:

— Espera que eu vou te jogar a coisa com que deves me matar. Mas deves experimentar se podes com ela. Vou atirar primeiro um cacho de inajá pequeno.

Assim fez. O outro aparou o cacho.

— Agora, disse BAHIRA, aguenta o outro!

O flechador de peixe de poço abriu bem os braços e ficou esperando. BAHIRA jogou um cacho dos grandes. O cacho caiu sôbre o pescador e, como pesava muito, o enterrou pelo chão a dentro.

BAHIRA desceu e perguntou à mulher:

— Onde está o homem que queria me matar?

— Está ali, com a cabeça esborrachada e enterrado no chão.

BAHIRA foi embora com a mulher e os cachos de inajá, rindo...



E BAHIRA, ROUBANDO O FOGO, FUGIU...

7.^a EXPERIÊNCIA.

O ROUBO DO FOGO

(Contada por Inambú-Tê)

ANTIGAMENTE Kawahiwa secava a comida ao sol. Não havia fogo. O chefe dos Kawahiwa, BAHIRA, foi ao mato, fazer uma experiência.

Cobriu-se de cupim e deitou-se fingindo que estava morto. Veio a mosca varegeira, viu aquêlê morto e foi avisar o Urubú. O Urubú era dono do fogo, e o trazia sempre consigo, debaixo das asas, dizem. O Urubú desceu do céu, então, acompanhado de outros urubús, da mulher e dos filhos. O Urubú era gente: tinha mãos. Preparou o moquém e pôs debaixo dele o fogo, mandando que os filhos vigiassem. Os filhos viram que o morto estava bolindo. Disseram ao Urubú. O Urubú não acreditou nos filhos; disse-lhes que fossem matando as varegeiras com as flechinhas, que haviam trazido.

Quando o fogo, debaixo do moquém, estava bem acêso, BAHIRA se levantou, de repente, e o roubou, fugindo. O Urubú saiu a perseguí-lo, com a sua gente. BAHIRA escondeu-se no ôco de um pau. O Urubú e sua gente entraram no ôco do pau, atrás de BAHIRA. BAHIRA saiu do outro lado e atravessou um tabocal cerrado. O Urubú não o poudé acompanhar. BAHIRA chegou à margem do rio largo, largo. A gente dele, os Kawahiwa, estava na margem de lá. E era muita gente, muita. BAHIRA pensou como lhe levaria o fogo roubado ao Urubú.

Chamou a cobra-surradeira. Pôs-lhe o fogo na costa e mandou-a levá-lo para a sua gente. Como a surradeira corre muito, logo saiu a tôda. No meio do rio, porém, a cobra morreu queimada. BAHIRA, com um cambito, puxou o fogo para si. E o pôs noutras cobras. As cobras iam até ao meio do rio, mas não resistiam ao calor do fogo: morriam. BAHIRA, puxou o fogo, pegou o camarão e pôs-lhe o fogo na costa. O camarão foi até ao meio do rio, mas não resistiu ao calor do fogo, morrendo queimado, todo vermelho. BAHIRA puxou o fogo para si, de novo. Pegou o carangueijo e pôs-lhe o fogo à costa. O carangueijo foi até ao meio do rio, mas morreu, ficando vermelho como o camarão, que se queimara. BAHIRA puxou o fogo e o pôs na costa da saracura. A saracura, que anda muito, foi até ao meio do rio, mas morreu queimada. Então BAHIRA pegou o Cururú. O sapo foi aos pulos até perto dos Kawahiwa, à espera noutra margem do rio. Como já ia meio morto, de cansado, os Kawahiwa o puxaram para terra com um cambito e uma vara. E levaram o fogo para a maloca.

BAHIRA, do outro lado, pensou como deveria atravessar o rio largo. Mas BAHIRA era um grande pagé; fez o rio estreitar-se, deu um pulo por sôbre as águas e foi à procura de sua gente.

Desde aquêlê dia os Kawahiwa tiveram fogo e puderam assar peixes e caças no moquém. E o Cururú virou pagé.

8.º EXPERIÊNCIA.

BAHIRA,
A JURUTI E O POÇO COM PEIXES

(Contada por Apaiubê)

BAHIRA convidou a Juruti para pescar.

Fôram. Andaram, andaram, e, já de noite, acharam um poço com peixes.

Mas havia muita água naquêlo poço. E a escuridão enchia também todo o poço. E os peixes, por isso, eram mais ariscos.

A Juruti então, pensando que não pegaria um peixe sequer, perguntou à BAHIRA:

— E agora? Tem tanta água! Está tão escuro!

Como pegaremos os peixes dêste poço ?

BAHIRA, que estava cansado e com muito sono, respondeu-lhe:

— Vamos dormir, primeiro. Ninguém pisca. Se ninguém piscar, quando acordarmos, o poço estará sêco.

Puseram-se a dormir alí mesmo, perto do poço.

Dormiram, dormiram, dormiram, dormiram.

E, como nenhum dos dois piscasse, quando acordaram, a água havia desaparecido e os peixes saltavam, de um lado para outro, sôbre a lama.

HISTORIAS

DE BAHIRA
E DE SUA GENTE

COMO BAHIRA
CASTIGOU O
F I L H O
PREGUIÇOSO

BAHIRA tinha um filho muito preguiçoso. Já era casado e não queria trabalhar. Não fazia sequer flechas; por isso, um dia, foi pedir algumas ao pai.

BAHIRA negou-lhe as flechas, dizendo-lhe que fosse fazê-las. O filho disse que não ia. E exigiu que o pai lhe desse flechas. BAHIRA não deu. O filho, zangado, deu-lhe uma surra com um maço de flechas, partindo-as depois. BAHIRA apanhou e não disse nada. Sem o filho ver, emendou as flechas (tôdas as flechas tem um vinco que se parece com uma emenda) e emendou o arco. Foi ao porto, atirou uma flecha nágua e a transformou numa canôa. Chamou a mulher e foi embora com ela para muito longe, várias luas de viagem.

Quando o filho preguiçoso procurou o pai não o encontrou. Vendo as crianças chorando com fome, chamou a mulher e disse-lhe que esperasse ali, pois ia à procura dos pais. Meteu-se numa canôa e foi. Remou muitas luas. E, por fim, u'a manhã, ouviu barulho de água. O barulho era de cachoeira. O filho de BAHIRA remou na direção dela e lá encontrou a

casa dos pais, uma casa grande, nova. A mãe o recebeu muito bem. Fez que se sentasse numa esteira. Foi buscar pupunhas, cará, mamão, beijú. O filho comeu, comeu. Os pais perguntaram-lhe pela família. Respondeu que a deixara mas iria buscá-la; voltaria no dia seguinte. E saiu. Chegando em casa contou à mulher e aos seus filhos o que vira; o pai tinha uma casa grande, nova, e uma roça com milho, mandioca, pupunha, cará, banana. Que se preparassem logo para o acompanhar.

E como era pagé, também, fez uma outra canôa para levar tôda a família. Remou, remou, várias luas. Quando ouviu o barulho das águas da cachoeira se alegrou e disse aos filhos e à mulher: Está perto. Remou, remou, várias luas. Chegaram e foram logo saltando, mas, em vez de casa, encontraram tapera. O preguiçoso ficou zangado. Deixou a sua gente ali e foi atrás dos pais. Remou, remou. Ouviu o barulho das águas de uma cachoeira e viu uma roça grande, na beira do barranco. Saltou. A mãe dele o recebeu bem, fez que se sentasse numa esteira e lhe deu cará, batata, milho, mel, banana, beijús. E perguntou-lhe pela família. O filho disse-lhe que a deixara numa tapera. Perguntou ao pai porque se mudara. O pai disse-lhe que a terra não prestava mais; tinha muita formiga. O velho estava mentindo. O filho disse-lhe: Vou já buscar minha mulher e meus filhos.

— Não: vem amanhã, disse BAHIRA ao filho.

O preguiçoso foi buscar a família. Chegando em casa contou tudo à mulher. Pôs a sua gente na canôa e remou, muitas luas, até ouvir o barulho das águas de uma cachoeira.

— Já está perto, disse, alegrando-se.

Mas nem viu uma roça grande, grande no barranco, e nem viu uma casa nova. Encostou a canôa no porto e saltou com os filhos. O que encontrou foi outra tapera e outra cachoeira. Deixou a família naquela tapera e foi à procura dos pais. Remou, remou, muitas luas. Ouviu o barulho das águas de uma cachoeira, viu uma roça grande no barranco. Encontrou canôas num porto e deu com uma casa nova. Ali moravam seus pais. A velha o recebeu com batatas, pupunhas, cará, bananas, milho. BAHIRA, enquanto via o filho comer,

pensou também que o deveria enganar novamente. A mãe perguntou-lhe pela família. Ele a deixára na casa velha... E perguntou por que seus pais se haviam mudado. BAHIRA mentiu. Passarinho, papagaio, periquito, macaco, veado, formiga, muita formiga, tinham dado na roça. Mudara-se por isso.

— Agora, disse-lhe o filho, vou buscar minha gente. Foi. Contou tudo à mulher e, pondo-a com as crianças na canôa, embarcou.

Remou, remou, muitas luas. E, por fim, só encontrou uma tapera e uma cachoeira iguais às outras. Pôs a família em terra e ficou pensando: porque eu dei no meu pai ele está sempre zangado. Então, a zanga dele é tão grande que não me quer mais, nem à minha gente? Deixou a família ali e, como era pagé, mergulhou no rio à procura dos pais, remexendo os peráus e as pedras mesmo da cachoeira. Mas só encontrou peixes, cobras, areia e pedra, muita pedra e gente que se afogara. Subiu ao céu. E ali só encontrou, no meio das nuvens, o sol, a lua, as estrelas. Não encontrou nem o pai nem a mãe. Voltou para casa muito triste, triste. E chorou e a família dele também chorou, mas nunca mais viram BAHIRA e a mulher.

BAHIRA
E
SUA NAMORADA

BAHIRA dizia sempre a mulher que ia matar mutum, mas ia vêr outra mulher com quem se deitava. Essa mulher era namorada de BAHIRA.

Levantava-se de madrugada. Levava o arco e flechas.

Fez uma vez. Fez outra. E muitas outras, até que um dia a mulher de BAHIRA, que já andava desconfiada, lhe perguntou:

— Porque tú nunca matas um mutum?

— Vôa! É ladino! É brabo!

— Hum... eu sei o que tú vais fazer de madrugada.

Disse-lhe isso porque vira um sinal de beliscão no braço de BAHIRA.

A namorada de BAHIRA lhe havia pedido que não contasse nada à sua mulher, mas esta todo o dia lhe estava dizendo:

— Eu sei o que tú estás fazendo. Eu sei que tú andas mesmo atrás de mutum...

É melhor tú trazeres logo a tua namorada para a nossa casa.

Então BAHIRA foi buscar a namorada com quem se deitava de madrugada.

A namorada não quis ir. BAHIRA disse que a mulher dele a mandara buscar.

Ouvindo isso de BAHIRA, ela consentiu, dizendo-lhe porém:

— Eu vou, mas tú não deves rir, quando eu lá estiver. Ninguém deve rir.

BAHIRA prometeu. E a levou para casa.

Aí chegando mandou preparar uma festa.

Mandou vêr caça, vêr frutos, convidar muita gente, e tratou de mandar pilar milho para cauim.

E, também, ajudou a pilar o milho, muito milho, com cinco companheiros.

E a mulher e a namorada dele, também.

Os pilões eram cinco.

Pilaram, pilaram, pilaram.

Uma das mulheres, porém, fazendo força, soltou um vento...

E todo mundo riu. E a namorada de BAHIRA e êle, mesmo, riram. Todo mundo riu.

Então, pulando e voando, de um lado para outro, aquela gente começou a virar cotia, inambú, corcovado, paca, tangaripará-grande, cojubim, marreca. E muitas foram as mulheres que viraram pássaros.

E BAHIRA mesmo virou cotia, corcovado e inambú. E a mulher e a namorada dele. Mas só BAHIRA ficou sendo sempre BAHIRA.

COMO BAHIRA
CASTIGOU
A SUA GENTE

ANTIGAMENTE, tôdas as coisas que vemos no céu — o sol, a lua, as estrelas, as nuvens e — tôdas as coisas que ainda devem existir por detrás das nuvens, das estrelas, da lua e do sol existiam na terra do Kawahiwa-Parintintin.

BAHIRA foi quem pôs alí tôdas essas coisas.

Um dia, porém, êle zangou-se com a sua gente e levou tôdas as coisas boas para o céu.

E deixou para os Kawahiwa-Parintintin só a mata com as suas feras, os seus espinhos, as suas formigas, as suas cabas, os seus carapanãs, os seus piuns e a sua escuridão.

HISTORIA DA
VELHA QUE
APANHA
CASTANHAS

(Contada por Dihé)

UMA VELHA convidou os netos para apanhar castanhas. Foram, mas só encontraram pama. Comeram muita. No meio da pama a velha encontrou um ovo de cobra e o enguliu, pensando que era pama. Muito tempo depois saiu uma cobra do ovo e ficou na barriga da velha. Um dia a velha disse que ia buscar castanha no mato. Foi. Achou uma castanheira, mas não havia frutos no chão. Sentou-se na terra e abriu as pernas. De dentro do sexo dela saiu uma cobra, que subiu pela castanheira e foi jogando dos galhos os ouriços que se abriram no ar. A velha encheu a tamacuera de castanhas. Antes de carregá-la sentou-se no chão, abrindo as pernas. A cobra entrou no sexo dela. A velha voltou para casa. Os netos, vendo tanta castanha, perguntaram onde a velha as achara. A velha nada contou. No outro dia foi buscar castanha. Sentou-se no chão; abriu as pernas. Do sexo dela saiu a cobra que, de novo, subindo pela castanheira, de lá jogou muitas castanhas. A velha encheu a tamacuera, depois, sentou-se no chão. A cobra desceu e escondeu-se no sexo dela. A velha voltou para casa. Os

netos viram, desconfiados, tanta castanha, e combinaram ir atrás da velha, espiá-la. A velha, no outro dia safu. Os netos foram no rastro dela e esconderam-se por detrás das árvores. A velha sentou-se no chão perto de uma castanheira, abriu as pernas, e de lá saiu uma cobra gorda, grande, que subiu pela castanheira e jogou os ouriços, que se abriram no ar, cobrindo o chão de castanhas graúdas. Os netos viram tudo. A velha sentou-se no chão e abriu as pernas; a cobra entrou no sexo dela. A velha voltou para casa. Os netos fingiram que não tinham visto nada, mas combinaram matar a cobra. No outro dia, quando a velha safu para o mato, os netos lhe foram no rastro. Assim que a velha abriu as pernas, de lá saiu a cobra e foi trepando pelo tronco da castanheira; os netos, então, correram de detrás das árvores e cortaram a cobra pelo meio. A cobra morreu e a velha, também. Os netos resolveram fazer uma fogueira. Logo que a fogueira ficou pronta, pegando a velha pelos braços e pelas pernas, a jogaram no meio das chamas. A velha virou cinza. Os netos voltaram para casa. Choraram muito, e, em seguida, foram banhar-se no rio. No outro dia, como não tivessem mais a velha perto deles, ficaram com saudade e disseram:

— Vamos ver a nossa avó! Dois foram. Andaram andaram três luas e três sóes e chegaram ao lugar onde haviam queimado a velha, mas não o reconheceram logo, porque ali crescera uma roça grande e bonita, com milho, banana, mandioca, batata, cará, mamão. Os dois irmãos, apanharam o milho. E um disse ao outro:

— Vamos experimentar!

— Come primeiro!

— Não! Come...

Assaram uma espiga de milho. Um comeu dois grãos, com medo, mastigou, mastigou. Era bom. O outro comeu logo uma espiga. Era bom. Estavam comendo milho quando ouviram o pica-pau gritar: avatê-ê! avatê-ê! avatê-ê!

Aquêle pica-páu lhes estava ensinando que era milho bom de comer. Depois ouviram a arara vermelha e a arara

azul gritando: uiá! uiá! uiá! E o Gavião gritava: cauim! cauim! E compreenderam que milho torrado era bom para fazer cauim. Depois ouviram o pássaro sabiá gritando mandip! mandip! mandip! E compreenderam que a mandioca era boa para fazer farinha. Então, os dois irmãos encheram a tamacueira com milho, batata, mandioca, pacova, mamão e voltaram para casa. Os irmãos, que haviam ficado, admiraram-se ao ver tantas frutas e batatas. Perguntaram se haviam encontrado a velha. Os irmãos contaram tudo. Então, abraçando-se, os quatro irmãos choraram, choraram e depois foram tomar banho no rio. Saindo d'água comeram as bananas e o milho torrado, também. E resolveram ir morar perto da roça onde haviam queimado a avó. É lá que eles ainda moram.

OS VELHOS

(Contada por Dihé)

DOIS VELHOS, que eram muito amigos, combinaram ir tirar ninho de gavião. Foram. Chegando ao mato, fizeram uma escada e a encostaram ao tronco do tauáriseiro, onde haviam visto ninho de gavião. Então o velho CANAURÊ-HU subiu para tirar filho de gavião. O velho IPANI-TÊ-GUÊ, vendo que o companheiro achara um filho de gavião, perguntou, aquí debaixo:

— Como é o filho de gavião?

O outro respondeu-lhe:

— É pelado como o arambá de tua mulher.

O velho IPANI-TÊ-GUÊ ficou zangado com o velho CANAURÊ-HU e cortou a escada. E logo voltou para casa. Então o velho CANAURÊ-HU ficou pensando como conseguiria descer. E cinco dias ficou no tôpo do pau pensando nisso e de que modo se vingaria do companheiro. Porque o velho passou mal, não tinha água, não tinha frutas, e as cabas e os carapanans o perseguiram de noite e de dia. Uma vez, ao meio dia, o Gavião cantou no galho de uma árvore longe. Tinha um pedaço de preguiça para o filho. O velho, ouvindo

o grito do Gavião-Real, mudou-se para um galho mais alto do tauáriseiro, e ficou ali escondido, com medo. O Gavião veio vindo, no rumo de uma árvore, trazendo um pedaço de preguiça para o filho. O filho estava comendo quando o Gavião-Real se espantou ao ver o velho e vôou para o galho de uma outra árvore, perto, para perguntar a êste:

— Como foi para ficares aí?

— Eu queria tirar o teu filho. O companheiro perguntou como era o filho do Gavião-Real e eu lhe respondi que era pelado como o arambá da mulher dele. Então meu companheiro tirou a escada, zangado.

O Gavião-Real riu, riu, e depois perguntou ao velho:

— Tens raiva mesmo de IPANI-TÊ-GUÊ?

— Ora, se tenho, companheiro. Passei fome, sede, as cabas me morderam e eu não pude dormir com os carapanans. Devo ter raiva, não acha?

O Gavião vôou para perto do velho e pediu-lhe que se aproximasse: queria ouvir a história melhor. O velho, com medo, disse que não iria, porque o Gavião queria matá-lo. O Gavião garantiu que não o mataria. O velho resolveu ir ao encontro do Gavião. Foi. Contou toda a história ao Gavião. Êste achou muita graça e riu, riu, riu. E perguntou ao velho se queria vingar-se mesmo do companheiro. O velho respondeu que se fosse por êle já se teria vingado. O Gavião-Real disse-lhe:

— Então vais virar gavião.

— Como?

— Eu sacudo as minhas penas em cima de ti e tu viras gavião.

Assim fez. O velho ficou coberto de penas de gavião. O Gavião-Real mandou que êle voasse de um galho para outro. O velho não quis, dizendo que não conseguiria voar. O Gavião animou o velho. O velho vôou do galho em que estava para outro.

O Gavião-Real disse-lhe:

— Viste? Já podes voar! Agora vê se quebras aquêlê galho grosso, alí.



OS GAVIÕES LEVARAM O VELHO PARA O NINHO

O velho tentou quebrar o galho e o conseguiu. O Gavião disse-lhe:

— Tú és forte. Agora vê se podes arrancar aquêlê tajá, alí, que está agarrado ao tronco daquela árvore. O velho com dois puxões o arrancou. O Gavião-Real disse-lhe:

— Agora já te podes vingar.

Passados três dias o Gavião-Real convidou o velho para ir agarrar IPANI-TÊ-GUÊ.

— Como? perguntou o velho.

— Ora, assim: nós voaremos bem alto. Vendo-nos no céu e ouvindo os nossos gritos, tôda gente virá para o terreiro. O velho IPANI-TÊ-GUÊ, que é curioso, também, procurará ver-nos. Então, desceremos a tôda pressa, pegaremos IPANI-TÊ-GUÊ e o carregaremos para cá. Como tu já és gavião, depois de matá-lo, nós o comeremos, eu e meus filhos, e tu nos ajudarás.

Aí, foram. O velho IPANI-TÊ-GUÊ, como o Gavião dissera, veio espiar do meio do terreiro. Estava preparando uma flecha, mas veio ver o que era que andava pelo céu, gritando. O velho, que já era gavião, e o Gavião-Real caíram de garra e bico em cima dele. CANAURÊ-HU o negou pela cabeça e o Gavião pelas pernas. E o foram levando pelo ar. Os companheiros de IPANI-TÊ-GUÊ, vendo que os gaviões o levariam para o alto dalguma árvore, caíram de flechas neles, mas as flechas só acertavam no velho. Então pegaram na linha da flecha que êle levava consigo e cujas pontas puderam alcançar, mas a linha foi desenrolando-se da flecha, depois esticando, esticando, até arrebentar. No meio do terreiro ficou uma pôça de sangue com miolos e tripas do velho IPANI-TÊ-GUÊ. Os gaviões levaram a embiara para o ninho. Espostejaram. Depois convidaram todos os pássaros e tôdas as aves para o banquete. E os que iam chegando (os convidados) tiveram de ser tatuados. A arara kariri foi pintada com sangue; do mutum pintaram apenas o bico e as pon-

tas das penas da cauda, passando-lhes os miolos do velho IPANI-TÊ-GUÊ; ao tangará-hu pintaram o bico com sangue; ao papagaio e ao periquito pintaram as penas com fel; à garça pintaram as penas com miolos; passaram sangue no peito do surucuá-hu; o jácu-pé-mun-hu teve as peles do pescoço pintadas com sangue... e assim tôdas as aves e todos os pássaros ficaram tatuados: uns com o bico vermelho, outros com as penas vermelhas, outros com as penas verdes, outros com as penas brancas, porque tôdas essas côres havia no sangue, no fel e nos miolos do velho que CANAURÊ-HU e o GAVIÃO-REAL mataram.

Tôda aquela gente, em seguida, comeu a carne do velho IPANI-TÊ-GUÊ.

O JABOTI,
A ARARA
E O MARACANAN

(Contada por Kuahan)

QUANDO o Jabotí chegou à idade de casar não escolheu mulher entre a sua gente; casou-se com a Arara-obê. Logo no primeiro dia do casamento, porém, brigaram. O Jabotí tinha o apelido de Miná e a Arara-obê, indo oferecer-lhe mingáu, que em língua Kawahiwa é miná, caçoando, disse-lhe: Coroné Miná... miná! (Mais ou menos como quem dissesse: Mingáu... toma mingáu!)

O Jabotí, afastando a cuia, respondeu:

— Não quero, não!

Então a Arara-obê convidou o Jabotí para ir tirar um cacho de patauá. Foram. Já próximo da árvore, a Arara mandou o Jabotí subir. Embora tenha os braços e as pernas curtas e o peito liso, o Jabotí tentou alcançar o cacho. Subiu, subiu, mas, ao chegar à metade do pau, escorregou e veio ao chão. Tentou outra vez. Não conseguiu. E a Arara-obê estava sempre a dizer-lhe: Anda depressa! Tira o cacho! Meus pais já vêm por aí! E, si não tirares o cacho, eu vou com eles para nossa maloca. (A verdade é que vinha com os pais da Arara-obê o Maracanan, namorado desta).

O Jabotí tentou mais uma vez subir à palmeira e não o conseguiu. Longe, os pais de Arara-obê já haviam dado sinal. E o Maracanan vinha com eles. Ouvindo-lhes a algazarra, o Jabotí, mais uma vez, tentou alcançar o cacho de patauá. Não o conseguiu, porém. Seus braços e suas pernas eram curtas e o peito liso. Então a Arara-obê levantou voo, indo ao encontro do namorado e dos pais.

O Jabotí voltou para casa chorando, porque a mulher o abandonara. Estava na rêde, triste, quando chegou a Paca. O Jabotí mandou a Velha (mãe dele) espiar. E a Velha, tendo obedecido, disse que era gente de fóra. O filho disse-lhe que não queria ver ninguém.

A gente de fóra (Paca), do meio do terreiro, perguntou:

— O dono da casa está aí?

A Velha respondeu-lhe: Não! Não está!

Então a Paca disse:

— Viemos dansar por aqui...

E, assim que chegaram as companheiras, começou a Dança das Pacas. Dansaram, dansaram. Depois foram embora.

Mal as pacas saíram, veio o Tucano, com a sua gente.

O Jabotí mandou a Velha saber quem era.

— É a gente do Tucano, disse-lhe a Velha ao voltar.

O Jabotí disse que não queria ver ninguém.

O Tucano, já no meio do terreiro, foi perguntando:

— O dono da casa está aí?

A Velha respondeu: Não! Não está!

Então, o Tucano disse:

— Viemos dansar por aqui...

Dansaram, dansaram. Depois foram embora.

Mal haviam partido, o Jabotí e a Velha ouviram vozes, — longe, longe. (Eram os sogros, os cunhados e a mulher do Jabotí. O Maracanan vinha atrás deles).

O Jabotí mandou que a Velha fosse ver quem era. E a Velha voltou para dizer:

— É a gente do miritisal... (Araras, papagaios, periquitos e maracanans vivem no miritisal).

O Jabotí ficou alegre com a notícia. Pulou da rêde e mandou a Velha dizer que podiam aproximar-se. Tratou de preparar-se para os receber. Pintou-se; botou a akanitád; atou o niúhambê; apertou o ahé-pôpe-cô-ié; amarrou o agua-hê às pernas. E, empunhando o arco e as flechas, foi esperar a mulher e os parentes dela no meio do terreiro.

De longe o sogro perguntou.

— Onde está o dono da casa?

— Está aquí, respondeu o Jabotí.

Então o velho gritou:

— Aí vai tabóca! Aí vai tabóca no teu rumo!

O Jabotí respondeu-lhe:

— Deixa vir!

A maior parte da gente do miritisal, que vinha à frente, foi logo formando roda no meio do terreiro. O Jabotí meteu-se entre as araras para dansar. A mulher dele, vendo-o, disse às companheiras:

— É hoje que vou dansar com meu marido.

As outras disseram-lhe:

— Anda logo... anda. Vai.

A Arara-obê foi e meteu-se na roda, ao lado do Jabotí. Estava com a cara tôda arranhada, porque dormira, na vespera, com o Maracanan. (O Maracanan era o namorado da Arara e, quando dormia com ela, a arranhava tôda, como fazem o homem e a mulher Kawahiwa).

O Jabotí ficou com ciume. E, assim mal a mulher apareceu ao lado dele, fingiu que estava com uma dôr nos quartos e pôs-se a gritar: Ai! ai! ai!...

Os sogros perguntaram-lhe:

— Que tem?...

— Estou com uma dôr...

E caíu com ataque. Correram todos para o acudir. E o levaram para rêde. Deitado, gritando sempre, êle via a mulher com a cara arranhada e o namorado ao lado dela, e pensava: .

— Com ela não me junto mais: dormiu com o Maracanan.

A gente do miritisal tinha trazido para a festa muitas frutas e vinhos.

A Arara-obê disse aos pais:

— Agora vou oferecer mingáu ao meu marido. E, si êle não comer, vamos logo embora. Preparou o mingáu e o ofereceu ao Jabotí, como da primeira vez:

— Coroné Miná... miná!...

O Jabotí afastou a cuia zangado. A Arara-obê, então, correu para os pais e disse-lhes:

— Vamos embora! Ele não quís comer!

Ao ver que a Arara-obê ia embora com os pais, o namorado e tôda gente do miritisal, o Jabotí gritou:

— Vem cá! Me dá o mingáu, agora, que eu tomo.

A Arara não lhe quís dar mais o mingáu.

E foi embora com os pais e o namorado. E nunca mais nenhum Jabotí casou com arara.

COMO NASCERAM OS
CARAPANANS,
MOSCAS,
PIUNS
MUTUCAS
MOSQUITOS,
CABAS E PULGAS,

(Contada por Kuahan)

ANTIGAMENTE não havia moscas, mosquitos, carapanans, mutucas, piuns, cabas e pulgas. Havia uma ave grande como o mutúm, que mexia em tudo e comia tudo o que via. Os Kawahiwa estavam sempre enxotando essa ave impertinente. Um dia ela pôs-se a comer tudo o que havia na maloca e em redor desta: pedras, dentes de bichos, caroços, sementes de frutas, coquinhos. Encheu, encheu o papo. E de repente estourou. Então nasceram o carapanan-uatê-iú-han, o piú-i, a api-hate, a behú. Mas todos êsses bichos são mais impertinentes do que a mãe deles.

* * *

V A R I A N T E

(Contada por Dihé)

O velho TARAKUTÊ estava à beira do fogo. As brasas estavam vivas. Os tições eram bons. O velho pôs-se a cochilar. O fogo foi, pouco a pouco, apagando-se. Os tições foram ficando frios. Não havia mais labaredas e as brasas tinham ficado negras. TARAKUTÊ foi buscar palha e um abano, para avivar o fogo. Abanou, abanou e da cinza da palha nasceram as moscas, os carapanans, os mosquitos, as cabas, as pulgas e os piuns que o perseguiram sem cessar.

COMO NASCEU
A NOITE

ANTIGAMENTE não havia noite na terra dos Kawahiwa-Parintintin.

Só havia dia.

Um velho, querendo dormir, perguntou à Coruja:

— Como é que a gente dorme?

A Coruja respondeu-lhe:

— Eu conheço a noite. Eu sei como é a noite. Arranja-me milho preto e eu te darei a noite.

O velho foi arranjar milho preto. Encheu uma cabaça e a levou para a Coruja.

Logo que o velho lhe entregou a cabaça a Coruja tratou de tapar a boca da vasilha com barro. E cantou:

IPETÓN OHOPÁ

ARI OROKIA

(Nós andamos a noite tôda caçando,

E de dia dormimos.

Tu já viste Coruja de dia?

Mas tu dormirás durante a noite,

Acordarás de madrugada

E trabalharás todo dia).

IPETÓN OHOPÁ

ARI OROKIA

Quando acabou de cantar partiu a cabaça.

E a Noite apareceu.

A O N Ç A,
A C O R U J A
E O
T A M A N D U A'

A ONÇA encontrou uma Coruja e disse-lhe que estava com fome e não tinha com que pegar caça. E pediu que a Coruja lhe ensinasse como se pega caça sem unhas...

— Não se pega caça sem unhas. Vem comigo. Vou mostrar como é que eu pego caça no meu terreiro.

A Onça acompanhou a Coruja. Andaram, andaram, andaram. E, chegando ao terreiro, a Coruja começou a caçar. A Onça pediu à Coruja que lhe mostrasse aquilo com que estava caçando. A Coruja mostrou-lhe as unhas. A Onça queria ter unhas para pegar caça. Estava com muita fome. Há muito tempo não comia.

A Coruja, com pena da Onça, grudou-lhe aos dedos as capas das suas unhas, mas voou logo do terreiro.

A Onça, com todos os dedos cheios de unhas, que procurava esconder, foi andando, andando e encontrou o Tamanduá. E queixou-se de fome; que há muitos dias não comia.

O Tamanduá disse à Onça:

— Vem comigo. Vamos dormir, primeiro. Mas, antes de dormir, cada um de nós suja... debaixo do giráu.

O Tamanduá sujou debaixo do giráu, antes da Onça, e fingiu que estava dormindo.

A Onça, pensando que o tamanduá estava mesmo dormindo, roubou a porcaria que o Tamanduá deixára no chão, debaixo do giráu.

O Tamanduá, vendo o que a Onça fizera, saltou do giráu e disse-lhe:

— Vou embora. Contigo eu não durmo. Tu mentiste. Disseste que estavas com fome e não comias há muitos dias. E sujaste tanto debaixo do giráu. Tu mentiste! Vou embora!

E deixou a Onça sosinha.

VARIANTE
DE UMA EXPERIÊNCIA
MALOGRADA, FEITA
POR
UM COMPANHEIRO DE
BAHIRA

UM COMPANHEIRO de BAHIRA queria sempre imitar-lhe tôdas as proezas. Um dia viu BAHIRA flechar um jandiá na mesma praia onde ambos estavam pescando. O companheiro, querendo fazer o mesmo, sem que BAHIRA o visse, foi flechar peixe. Pôs um pirá-ahangáb e flechou um jandiá. Puxou para terra, mas, não sabendo retirá-lo da flecha, espetou a mão. O peixe fugiu, foi-se embora. O companheiro de BAHIRA voltou para casa. E disse a BAHIRA que não queria mais imitá-lo. BAHIRA, então, soprou a mão espetada. E disse ao companheiro: Vais ficar bom, porém nunca mais procura fazer o que eu faço.

O VELHO
E O
BACURÁU

UM VELHO, vendo um Bacuráu pular de um lado para outro, pôs-se a gritar:

— Tua boca é grande! Tua boca é grande!

— Não, não é, respondeu o Bacuráu.

Mas, como ficara zangado, disse ainda ao velho:

— Vou te levar comigo! Vou...

E, agarrando o velho, o levou para o meio de um campo e depois subiu com êle bem alto. De repente soltou o velho. E êste, ao cair, abriu a boca...

Então o Bacuráu sujou na boca do velho.

E' por isso que tôda boca de velho fede...

DUAS TRADIÇÕES

(Contadas por DIHÉ)

O BISAVÔ de Diáhi contava que seus pais conheceram o camarão, o carangueijo e o tubarão do Grande Lago. E falavam em ostras, que comiam quando iam visitar os parentes que moravam à beira do Grande Lago..

* * *

CONTAM QUE Tupan fez o mundo: primeiro o Grande Lago (MAR), depois o Rio Largo, (AMAZONAS) e os rios menores que iam para o Grande Lago. Fez a terra; depois, as arvores e os bichos. Fez o KAWAHIWA e fez o TAPII-TI. Êste mergulhou água quente, preparada por Tupan. E ficou branco. KAWAHIWA, como não quis banhar-se naquela água, ficou vermelho. O TAPII-TI foi-se embora pelo mundo. KAWHAIWA ficou no mato.

— F I M —

ALGUMAS

EXPRESSÕES

E VOCÁBULOS

KAWAHIWA — PARINTINTIN

QUE OCORREM NESTA OBRA

AHANGÁB — alma, imagem, figura, feição, espectro. Do tupí-guaraní: añâng, significando ang alma e ñâ correr. Os Jesuitas viam em añâng o Diabo.

Pirá-ahangáb significa, pois, aquí, imagem de peixe, figura de peixe = pirá.

Alguns povos tópicos empregavam na pesca a figura de um peixe, na qual observadores apressados reconheceram, para logo, ídolos. Talhada em casca de árvore, pintada, depois, a urucú, a genipapo ou simplesmente a tisne, reproduzia, tanto quanto possível, as formas e as côres de um peixe. Preso a uma varinha flexível, longa, à altura da nadadeira dorsal, êsse engodo era mergulhado nágua, para atrair a curiosidade dos peixes, que se lhe acercavam, sendo, então, flechados pelo pescador, oculto, às vezes, na espessura da vegetação ribeirinha

AHÉ-PO-PE-COIÊ — pulseira de tucuman.

ARAMBÁ — monte de Venus, todo o órgão sexual da mulher, aquilo que, no latim de MONTTOYA, era definido assim: “quod continet membrum muliebris” ou “etiam quod est intra pudenda mulieris”. Cunã rambá, diziam os tupís.

APÉ — pama, fruta silvestre muito apreciada pelos índios e civilizados do Madeira.

AGUÁHÉ — liga feita com semente de piquiá.

AKANITÁD — corôa de plumas.

BAHIRA ou **BAIRY** — Nome próprio do personagem das “experiências”.

Não nos souberam explicar o que significa êsse nome, mas disseram-nos que **BAHIRA** era Quandú, isto é, do clan do Gavião. Dois clans foram apontados, entre os Kawahiwa, por **CURT NIMUENDAJÚ**: o Quandú e o Mitú. Quanto à pronúncia do nome do Herói aprendemos que o (H), que nele aparece, é aspirado.

BEHÚ-ATÚ-AN — varegeira.

COTÓ-COTÓ-OHU — sapo cururú.

CARAPANAN-UATÉ-IÚ-HAN — carapanan sovela.

EDIROBÁ-APÊ — volte-se!

ERÉ-DIÓ — vem comigo.

IRERÚ-POKÚ — grande flauta de bambú que o Parintintin

soprava por ocasião das suas festas, tendo, pelo tamanho e utilidade, semelhança com os instrumentos de sôpro dos índios Uapé, do alto Rio Negro, nas festas de Juruparí.

NIÚHAMBÊ — fita de palha e enfeite de plumas.

ONIMBÓ-É — experiência. Para o Kawahiwa-Parintintin nesse vocábulo há algo mais do que MONTOKA consigna no vocábulo anemboe, isto é: yo me adiestro, ó ensino, aprendo, reso, estudio.

Ele fixa, talvez, o que nós chamamos de “processo geral do conhecimento”. Por isso, elucidamos, á pagina 18, que onimbó-é “corresponde, em geral, a um ato que se leva a efeito, quasi com displicência, dando-se, porém, a entender a outrem que já se lhe conhece os resultados.

“Inspira-a um cérebro sereno, mas executa-a um espírito astuto, buliçoso e bem humorado”.

OBIRA-OBIRA — saudação com dansa guerreira, lembrando, pelo movimento, certas dansas basicas.

OPORON-GUÊTÁ — discurso, fala, entendimento verbal, longo, enfadonho, que êste ou aquêlê guerreiro Parintintin dirige a um estranho ou amigo. Êsse discurso redundava sempre em diálogo animado, cordial ou violento.

TAMACUÉRA — cesto grande.

TAPII-TI — branco, civilizado.

URÚ-I ou IRÚ-I — cesto pequeno.

NOTA

QUEM JÁ assistiu a uma festa indígena ou a uma dessas longas narrativas de caçada, pescaria ou guerra, feitas por índio, reconheceu, de certo, êsse talento, essa expressão, essa vocação para a Arte que apontamos no risonho velho IGUÁ, em KUAHAN, em INAMBÚ-TÊ. Antes de nós, porém, já o notável engenheiro patricio SILVA COUTINHO, expondo as informações de Manuel Urbano acêrca da expedição ao Purús, registrara o seguinte: “Os JUBERÍS sofrem de impingens e outras moléstias de pele, talvez devido a moradia em giráos, sôbre terras alagadas e encharcadas. Homens e mulheres são feios e asquerosos. Fazem pequenas roças e não há quem os vença na pesca. As tribus guerreiras não perseguem os JUBERÍS, por causa da humildade natural desses índios e a vocação que teem pela música; sofrendo e cantando abrandam a ferocidade dos inimigos”.

INDICE

REVELAÇÃO	19
OITO EXPERIÊNCIAS DE BAHIRA:	33
I — A conquista da Mulher	35
II — A primeira Filha	37
III — Como obtinha flechas	41
Variante	43
IV — A caça com visgo	45
V — O caçador de onças	47
Variante	49
VI — O pescador de poço	53
VII — O roubo do Fogo	59
VIII — O poço com peixes	61
HISTORIAS DE BAHIRA E DE SUA GENTE:	63
Como Bahira castigou o Filho Preguiçoso	65
Bahira e sua Namorada	71
Como Bahira castigou a sua gente.	75
Historia da Velha que apanhava castanhas	79
Os Velhos	85
O Jaboti, a Arara e o Maracanan .	93
Como nasceram os carapanans, etc., etc.	99
Como nasceu a Noite	103
A Onça, a Coruja e o Tamanduá .	107
Variante de uma experiência malograda	111
O Velho e o Bacurau	115
Duas Tradições	119
ALGUMAS EXPRESSÕES E VOCABULOS KAWAHIWA — PARINTINTIN	124
N O T A	129

Esta obra foi mandada editar pelo Dr. Alvaro Maia, Interventor Federal no Amazonas, para que, com 40% de sua venda, se constitua um fundo destinado á edição de outras, versando assuntos de etnografia, sociologia e folclore amazônico, a critério do Instituto de Etnografia e Sociologia do Amazonas.

•
Distribuidor:
Saraiva de Freitas

—
" Agência Freitas "

*R. Joaquim Sarmiento,
23 — Caixa Postal, 244
MANAUS — Amazonas*



Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.



**ACERVOS
DIGITAIS**

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com



**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM**